

25 SET 1984

# Válida e oportuna

A tese levantada pelo Secretário do Tesouro Norte-Americano, Donald Regan, perante o Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial, segundo a qual os Estados Unidos poderiam transformar parte da dívida externa dos países em desenvolvimento em recursos de capital, com vistas a uma participação mais solidária nas suas economias, é válida e atual. O vazio social dos custos dos serviços das dívidas seria substituído por rubricas de crescimento, de reativação econômica, de mais emprego e de mais riquezas.

Basta situar a problemática brasileira. Neste ano, a Nação deverá despender, somente em juros e custo de riscos, perto de US\$ 15 bilhões, numa contrapartida de desperdício que clama socialmente pelo desequilíbrio de ponta. No Brasil mobilizam-se excedentes exportáveis de soja, de café, de algodão, de suco de laranja, de cacau, de açúcar, juntamente com uma pauta de minerais, de semi-acabados e de produtos industrializados, limitando-se a pagar juros, ao invés, de uma poupança externa rica e generosa. Abre-se, assim, um vazio sem sucedâneo nos cronogramas de desenvolvimento.

Ainda alinhando a problemática brasileira vale ressaltar a importância da indicação de Regan, posta diante dos sacrifícios que o País está sendo obrigado a absorver, limitando a sua pauta de importações com a finalidade de ampliar o saldo da balança comercial. Uma longa lista de produtos indispensáveis à sustentação das linhas internas de industrialização, dependentes de material e equipamento de procedência es-

trangeira, está sendo reprimida em suas encomendas.

Se levada para níveis da América Latina essa colocação do Secretário do Tesouro dos EUA deverá abrir a perspectiva de reavaliação sobre a caracterização de recursos da ordem de US\$ 350 bilhões, que é a quanto monta a dívida dos latino-americanos. Qualquer percentual liberaria alguma coisa envolvendo dezenas de bilhões de dólares, o que seria altamente expressivo se transformado em investimento. Em vez da inutilidade dos juros, mais riquezas e mais empregos, num desaperto sobre os processos recessivos, permanentemente apontados para os insondáveis em termos de estabilização social das nações devedoras.

Não se pode descartar a hipótese de uma proposta inovadora, destinada a refletir no ânimo dos países devedores, desejosos de estabelecer uma negociação conjunta sobre o encaminhamento das questões do endividamento, detalhe este que os Estados Unidos rejeitam preliminarmente. Também seria válido esperar que essa proposição venha engajar-se a outras tantas explicitadas por Regan perante o mesmo Conselho do Banco Mundial, a exemplo da vigilância quanto às barreiras protecionistas. Contudo, o seu centro de gravidade persiste na necessidade de evitar a postulação conjunta nas negociações. De qualquer forma o assunto já mereceu a acolhida de duas autoridades latino-americanas. O Ministro das Finanças do México e o presidente do Banco Central da Venezuela deram como boa e válida e como "primeiro passo" de uma série de

coordenações multilaterais envolvendo governos, bancos e organismos internacionais para um tratamento orgânico às saídas do endividamento.

A verdade incontroversa é que o mundo todo vem experimentando uma atividade econômica declinante nos últimos quinze anos, sem vislumbres de reversão. Muito ao contrário, alguns povos ainda vivem sob o impacto do boom petrolífero em suas duas investidas mundiais da década de 70, e se angustiam social e politicamente ao serem enclausurados na camisa-de-força da recessão, com sacrifícios impostos a milhões e milhões de pessoas.

A rotina do endividamento na versão puramente econométrica de endividar, pagar juros, tornar a endividar e de novo pagar juros é um contencioso falaz onde o dólar funciona como primeira e última essência, enquanto o homem desaparece totalmente do campo dos interesses em confronto.

A tese de Regan levanta a perspectiva social não em contraposição ao questionamento econômico mas sim como fator de dissipação, retirando a neutralidade perversa das negociações do endividamento.

A esse primeiro passo devem-se juntar outros tantos, iniciando uma marcha de renovação, de busca para soluções que estabeleçam um equilíbrio na ordem social de todo o mundo. Isto porque, a persistirem os rumos e as intenções até aqui mantidas, a contemporaneidade estará exposta a erros irremediáveis, levando-a, possivelmente, a situações política e socialmente insustentáveis.